

# FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

2.º ANNO

PUBLICA-SE ÀS QUARTAS FEIRAS

NUMERO 63

BRAGA 28 DE MAIO DE 1872

Convenção d'Evora-Monte.

Domingo 26 de Maio fez 38 annos, que os legitimistas, forçados pela fatal quadrupla aliança, baixaram as armas em igual dia do anno de 1834.

As tres poderosas nações Inglaterra, França e Hispanha, com os discólos, capitaneados pelo ex-imperador do Brazil, celebraram este pacto leonino, que a Europa monarchica viu formar impassivel, sem que se lembrasse das suas futuras consequências, que hoje em dia está soffrendo.

Se não houvesse intervenção estrangeira não haveria semelhante desfecho, com quanto a luta fosse porfiosa durante dois annos, e os portuguezes de ambos os lados se batesses com o seu valor proverbial.

Verdade seja que a bandeira do Mindelo era tambem sustentada por batalhões inglezes, francezes e belgas, com os discólos da Italia, da Allemanha e da Polonia. O movimento de 1820 foi bem acolhido da nação porque invocou as côrtes de Lamego, restituiu o rei á patria e expulsou os inglezes, que quasi eram senhores em nossa casa.

Para derrubar a constituição de 1820 não veio um só estrangeiro.

Bastou o grito do conde d'Amarante em Villa Real: a saída do Senhor D. Miguel para Santarem; e a do Senhor D. João VI para Villafranca.

Para sustentar a Carta de 1826 veio o general Clinton com um exercito inglez.

Para a derrubar bastou a vinda do Senhor D. Miguel, de Vienna, e a saída dos inglezes de Portugal.

Para a enthronisação da revolução em 1834, foi necessaria a quadrupla aliança e a intervenção d'um exercito hispanhol, e d'uma armada britanica.

Já se vê que o povo portuguez não morria d'amores pelas novas doutrinas.

Na convenção ainda assignou o nosso general Lemos como tenente-general, e não como coronel, posto que tinha antes de 22 de Fevereiro de 1828.

Apenas, porém, depozemos as armas, e o Senhor D. Miguel tomou o caminho do exilio, os liberaes arrojaram a mascara.

No theatro de S. Carlos deram a primeira cavadella no sepulchro do Senhor D. Pedro, a quem chamaram imperador dos macacos ao som dos patacos que lhe arrojaram á cara.

Já não era o libertador. Foi preciso que morresse sobre o seu

inglorio triumpho para que os mesmos, que o conduziram á sepultura lhe fizessem a apothese por uma nova mudança de scena.

Levantaram-lhe estatuas no Porto e em Lisboa.

*Sic valeas ut farmaes*

Lhes applicamos nós que os conhecemos bem.

Como foi cumprida a convenção d'Evora Monte?

Quem ha ahi que o ignore?

Até lhe negaram os fóros de convenção, chamando-lhe simplesmente concessão, ainda os mesmos que a assignaram.

Os seus artigos ficaram letra morta, e ainda o sam no fim de 38 annos.

As scenas, que se seguiram não seremos nós que as descrevamos, porque não queremos atizar discordias entre irmãos, se bem que ainda ha hoje vencedores e vencidos no fim de 38 annos!

A experiencia de tantos annos tem mostrado que a arvore a que o sr. Fontes chama frondosa é parasita, e só a força estrangeira a tem podido sustentar.

Vivemos na provincia em que se levantou o grito de «Leis velhas».

A nação reanimou-se, como que resurgiu.

Os espertos da democracia aproveitaram esse grito, que transformaram no de «rainha coacta».

O governo bateu á porta dos collegas da quadrupla, que lhe enviou Concha com os hispanhoes, e Mailland com os inglezes, no momento critico.

Ainda dirão que não deveram á intervenção a sua gloriosa conservação?

Podem dizer o que quizerem, que o povo portuguez conhece-os, bem, por mal de seus peccados.

Sabe bem que o seu fim foi, e será sempre explorar-lhes o fructo dos seus labores.

Devem no entanto lembrar-se do nosso antigo adagio de que «não ha bem que sempre dure, nem mal que sempre ature».

**Os carlistas.**

Está travada a luta!

O sangue dos martyres fecunda a terra, onde já hastearam a sagrada bandeira da legitimidade.

A Hispanha de novo accordou de seu lethal somno, e andaz e altiva levanta esse entusiastico brado, que no passado soum nas serras asturianas como um grito de morte contra as tribus de Mafoma, e como

um hymno de liberdade e de triumpho para os soldados christãos.

O que não pôde o dominio do *Crescente* com seus semi-barbaros heroes, suas fanatisadas e leoninas legiões, seus allanges de flexivel e inquebravel aço, com a tyrannia de suas leis, repassadas do odio de raça e de creença, com seu luxo deslumbrante, e suas formosas virgens, não alcançaria por certo o poder occulto e covarde da mystica *Esquadria*.

A seita de Mafoma viu surgirem das agrestes e nevadas montanhas desconhecidas multidões, rudes soldados, e relampejar á luz do sol d'uma nova época a espada legendaria de Pelagio, e este como o anjo da vingança divina e da regeneração quebrar n'um vôo victorioso aos pés da Cruz de Christo o aureo e allegorico astro, que limitava o orgulhoso pendão da raça conquistadora.

Viu vacillarem, baquearem, e transformarem-se n'um pó vil, ante o heroísmo dos descendentes do chefe godo, essas famosas mesquitas, esses monumentos bellos da creença e da guerra, que as gerações tinham erguido no seio das opulentas e asiaticas cidades de sua patria adoptiva.

A Fé, conservada entre os gelos de Oviedo, afrontada por o triumpho e as grandezas de erueis domiadores, brilhou no cueuro das alcantiladas cordilheiras, e n'essa hora o genio exterminador dos impios, que vira impassivel o sacrilegio, a blasphemia, o roubo, a devassidão da soberba raça, ergueu o braço vingador, e ella gemeu sob esse terrivel flagelo, que acabou em Granada com a derrota do derradeiro exercito dos crentes do *alcorão*, em Hispanha.

Repete-se hoje a historia do passado. Porque o *liberalismo* n'esta remota época renovou a impiedade, a oppressão, o infortunio, que a invasão arabe trouxera aos povos da Peninsula.

Creenças religiosas, e politicas, tradições, leis, aspirações costumes, sentimentos, esse heroico e fidalgo genio hispanhol, tudo foi affrontado e machado.

A reforma liberal attingiu o crime da apostasia nacional, ella submetteno o nobre colo da catholica e altiva Hispanha ás doutrinas e á vontade do estrangeiro.

Porque é um descendente de Pelagio, um rei legitimo e destronado, que n'esta remota época vêem do honrado e glorioso exilio a invocar no seio da terra natal essa divisa augusta — *Deus, Patria, Lei* — e com ella a apontar ao seu povo escravizado o caminho da honra e do dever.

Porque é essa mesma Fé, que fortaleceu e sublimou os heróes godos, aquella que hoje ergue a mulher a heroína, lhe excita a indignação contra o impio e o criminoso de lesa-Patria, e que faz do lar um sanctuario de patriotismo, das aldeias, das cidades, d'um paiz inteiro, um vasto acampamento de soldados da Cruz e da legitimidade, onde se aprende a morrer com a dedicação e a serenidade dos martyres christãos!...

Sois martyres!... Martyres, cuja gloria não se cifra em um marmóreo e grandioso monumento, erguido na terra sobre honradas ossadas, que não brilha só em paginas douradas de sublimadas epopéas, e que não recebe só a mur-chavel corôa da terrena immortalidade.

Esses homens, crentes devotados do Catholicismo, adversarios inabalaveis da mçoneria, alçando a leal espada contra as legiões da *impietade* e da *tyrannia*, teem por primeiro dever e sentimento o zelo e o amor de suas creenças religiosas.

Eis porque o movimento carlista não é uma insurreição, mas uma guerra nacional.

E quando a mulher alteia a voz em impulsos de varonil entusiasmo, quando ella dá aos filhos, ao Esposo, a arma e o terro abraço d'uma heroica despedida, e quando á frente de seu rebanho o Sacerdote de Cruz erguida chama as populações a abater o cruel dominio do *impio*, a victoria pôde ser tardia, mas é certa.

Aqui se unem n'um pacto sublime esses dois elementos de nossa felicidade sobre a terra — os Ministros d'uma Fé Divina, consoladora e fecunda de preciosos dons, e a mulher, o anjo do lar, a meiga companhia da vida, que nos estimula os nobres affectos da alma, que nos esteia em nossas acerbos dôres.

E era necessario, que assim fosse!

O veneno da degeneração ameaçava corroer o sangue do povo hispanhol. A seita maconica, tomando todas as suas diferentes feições, desde o *tartufismo* isabelino e o *cezarismo-democrata amadeista* até ao despotismo popular da internacional, derrubára essas cyclopicas muralhas, respeitadas por Lutero e Calvío, e extendida seu poder-secreto, impio e corruptor em todas as provincias de Hispanha.

E esta nação catholica por excellencia, independente por natural altivez, começára a alimentar em seu seio a vibora das discordias religiosas, e ser o humilde instrumento do impio *liberalismo*!...

Descêra muito de suas honradas e il-

lustres tradições, envilecidas nos últimos tempos por o falso e desmoralizador prestigio de seus homens notaveis nos fastos da revolução domestica.

Deixou commetter o crime de lesa-recta, de lesa-honra, de lesa-patria, não castigando os egoistas e desnaturados hispanhoes, que em affronta ás leis nacionaes, á vontade da nação, e deshonrando a farda, o titulo, o appellido, o diploma, o cargo, convidaram como modernos *D. Julião* o estrangeiro, os usurpadores, a occupar o throno dos Felippes, emquanto que os reis naturaes e legitimis comiam no exilio o pão negro do infortunio!

A Hispanha foi o apanagio d'uma seita astuta, que soube utilizar para seus interesses egoisticos o nome e as riquezas de todo um povo, fazendo-o escravo de sua vontade, e o instrumento de sua ambição.

E esse typo ideal de Cervantes, que ficou immortalizado n'um livro celebre, como uma prophécia, seria realiado na sua mais baixa, grosseira e ridicula expressão, se na alma da Nação hispanhola não brilhasse uma intima e santa chama — a Fé — tão antiga n'ella como seu genio.

Sancho Pança do seculo do auctor de *D. Quichote* não era tão ridiculo e depravado, como esse, que serve de modelo para os homens celebres da revolução *liberal*.

Comtudo a Hispanha pôde achar um meio de salvacão na essencia de suas virtudes. Seu espirito profundamente religioso suspendeu o braço impio, e este não ousou, como em Portugal, os extremos desaccatos á Igreja, nem a perseguição tenaz e calculada ao clero, que intimamente possuido de sua missão, e virtuoso, instruido e com uma dedicação verdadeiramente apostolica, tem em uma parte conservado as tradições religiosas e politicas, e em outras renovado, esmagado com o poder de sua palavra e de seu exemplo a hydra revolucionaria que começava a nascer.

Sua altivez, reflexo do heroísmo de seus maiores, tornou prudentes os emissarios *pastados* das lojas, os quaes foram quasi sempre forçados a usarem d'uma hypocrista *tartufia* e dos estratagemas vulgares dos assopradores dos tumultos.

O que não conseguiu o *Crescente* não conseguiria a *Esquadria*, dissemos, mas a liberdade e a felicidade do povo hispanhol serão hoje mais caras e custosas, do que foram nos seculos passados.

Porque a luta do tigre é menos temivel do que a da serpente. Em campo leal o leão tem mais certa a victoria contra a força e agilidade d'aquelle, do que contra a

fronteira uma linha de postos de vigias para prevenir as invasões dos turcos e a da peste, que muitas vezes, se apresenta da outra parte das fronteiras. Sam estes postos rendidos de quatro em quatro, ou de oito em oito dias, conforme as localidades, e os homens que os occupam sam sustentados pelas familias a que pertencem. A conservação d'estes regimentos, como se deprehende, nada custa ao Estado, a não ser uma despeza de doze florins para o equipamento de cada soldado.

Os officiaes d'estes regimentos sam, na maior parte, escolhidos nos de linha, d'onde veem para lhes dar a mesma instrução, e para onde voltam sem perda de direitos, que sam eguaes. O commandante é um pequeno soberano, cuja acção se estende a tudo o que respeita ao Estado e á familia. E' auxiliado na parte militar, por uma jerarquia d'officiaes, e na parte administrativa, pelos capitães e principalmente pelos officiaes ditos *d'economia*, que são os que inspecionam a cultura dos terrenos, regulam os arroteamentos, fazem depois da colheita, as armazenagens das porções pertencentes a cada companhia, dirigem e verificam a administração de cada chefe e de cada mãe de familia, e avaliam com elles a taxa dos impostos, já em trabalho, já em dinheiro.

Os Szeklers, que habitam as fronteiras da Transylvania, estão em caso diverso, porque não sam concessionarios, mas conquistadores, cujos titulos de propriedade

foram escriptos com a ponta das espadas de seus maiores: por este facto são todos nobres, isentos d'impostos e obrigados unicamente, em virtude de alianças conditionaes com os Hungaros, a defender o paiz contra a invasão dos inimigos. O governo austriaco porém estendeu um pouco esta obrigação, porque os bussars szeklers tomaram parte bastante activa nas grandes guerras contra a republica e o imperio.

De Pancsova partimos para Têmeswar. Na vespera tinha rebentado sobre Semlin uma violenta tempestade, cujos vestigios encontramos no caminho. Depois d'uma jornada bastante encommoda, que durou todo o dia, chegamos á meia noite a Delta, onde não eramos esperados, motivo porque só ás duas horas da manhã podemos tomar uma leve refeição. Semlin dista apenas trinta e seis legoas de Têmeswar, nós porém por causa do mau tempo gastamos trinta e seis horas em as percorrer, e comtudo só nos demoravamos a ver as tropas. O conde de Chambord almoçava sobriamente na sua carruagem e só jantava nos locaes das mudas, a uma hora, o mais das vezes, impropria, porque inusual, em que ninguém pensa sequer em almoçar. Este regimen, pouco ou nada attractivo para estomagos methodicos, não era inutil a um principe, porque tudo o que o molesta, lhe é immentemente proveitoso.

Estas longas jornadas porém nenhum estorvo causavam ao estudo, porque, embora sempre em caminho, lêmos o *Espi-*

theatro o principe no fim do jantar para alli se dirigiu condescendendo com o desejo d'um grande numero de pessoas, muitas das quaes tinham vindo do campo por causa d'elle. Foi brilhante o espectáculo pelo grande concurso de gente; representou-se a *Somnambula* em allemão; a escolha dos actores foi um tanto ambiciosa, comtudo executaram com honra esta difficilissima empreza.

De Têmeswar dirigimo-nos a Mezó-Hegies para visitarmos o haras imperial. Pôde fazer-se n'um dia esta viagem, mas para isto se alcançar é necessario viajar nos carros ligeiros do paiz. O conde d'Anersperg offereceu ao principe dous pequenos caleches. Graças ao seu obsequio chegamos n'essa tarde ao haras. Passamos o Morosh em Neu-Arad, cidade que é logar-tendencia do condado e muito extensa e commercial, apesar da sua população ser pouco consideravel. N'ella se demorou o Conde de Chambord para receber o feld-marchal logar-tenente Rosgner e os officiaes de lanceiros de Hardegg. O general deu-lhe esclarecimentos preciosos sobre o estabelecimento de muitas colonias francezas, cuja origem remonta ao tempo de Maria Thereza! Era necessario percorrer um caminho mais longo e peor para voltar a Têmeswar por Trubes-Wetter, centro d'essas colonias. O principe não hesitou em mudar o seu itinerario; porque tinha como uma fortuna o poder passar alguns momentos no meio d'uma população franceza. Viu

prudentissimo por ter visitado n'um paiz estrangeiro um principe, que havia talvez saudado já nas Tulherias, foi castigado com a demissão.

Ao entrar na lancha ao som das descargas d'artilheria o conde de Chambord recebeu as despedidas dos consules e da população, que o tinham acompanhado até á praia; antes do anoitecer chegamos a Semlin.

Esta cidade possui lindas egrejas e um lazareto muito acaado, no qual se construíram capellas muito elegantes para os diversos cultos christãos. O principe visitou minuciosamente este estabelecimento, onde, em muitas sallas, estão expostos todos os productos do Levante sujeitos á quarentena.

E' mais fertil, que a Croacia, a Esclavonia, cuja agricultura se tem desenvolvido muito. A longitude porém, em que das casas e povoados estão as terras laboraveis, tornam mais difficil o cultivo. Nós encontramos aldeias, distantes quatro léguas umas das outras, cujos limites se tocavam. N'este paiz são os campos limitados por estacadas; porque se percorrem consideraveis distancias n'uma estrada flanqueada só por uma estacada infinita. Parece que o deus *Termo* escolheu a Esclavonia para sede do seu imperio.

Embarcamos outra vez em Semlin para entrarmos na Hungria militar: tivemos de percorrer muitas legoas n'uma especie de lago formado pela triplíce inundação do Da-

covarde subtilidade, traição e veneno d'esta. Por isso os males, que fez a maçonaria em annos são mais profundos e prejudiciaes, do que aquelles que um povo inteiro em guerra constante e sem quartel realisou em seculos, desde a sua invasão, a raça arabe.

D. Carlos 7.º está em Hispanha. Milhares de soldados, formando regimentos regularmente organisados, e occupando provincias, pontos estrategicos, cidades importantes, tem levantado o viva = Carlos 7.º por Deus e a Patria! =

E nós, que damos a *devida importancia* a esses officiosos novellistas (que tractam de enfraquecer o geral enthusiasmo com noticias absurdas e pueris) repetindo com outra intenção o mesmo grito, auguramos um proximo triumpho aos defensores do Altar e do Throno.

Dezendo para todos uma generosidade, digna de soldados da Cruz e da Legitimidade, que não devem dar principio a essas scenas sanguinolentas e fataes das guerras injustas, lembramos as leis do codigo militar para todos aquelles, que forem os emissarios da seita, e que se escutarem sob as bellicas tendas, como o Judas dos 30 dinheiros.

A luta está travada! A victoria será facil, se entre os valentes não tiver lugar um heroe, como o infame Maroto e outros de igual vileza, hespanhoes e portuguezes!

Os cinco Jesuitas martyrisados pela Communa.

(Continuação)

O P. Coubert parece ter resumido sua situação d'espírito, durante todo o seu captivo, n'algumas linhas que traçava a oito de maio:

«Vivo de dia a dia, sem inquietação, cheio de confiança, mui feliz em cumprir o que Deus me exige, com um completo abandono entre suas mãos para o futuro, e disposto a nada lhe recusar»

Taes eram seus sentimentos, quando recebeu, pouco depois, a visita do sr. Rousse, chefe da ordem dos advogados (*batonnier*), que vinha corajosamente offerecer-se para defendel-o.

Este ultimo conta assim sua entrevista: «... Sem que me tivesse feito alguma pergunta sobre sua posição, disse-lhe o que sabia e o que esperava. Escutava-me com a mais sincera indifferença, sorrindo sempre, e tendo ar pensativo:

Para que serve tudo isto? Em fim, diz: «Agradeço-vos muito o que fazeis. Será o que Deus quiser.

Se querem matar-nos (em-nos em suas mãos...) Ao fim d'uma meia hora, levantava-me um pouco embarçado, sem ter que dizer a um homem de tão firme tempera e cuja coragem me parecia bem superior á minha».

Que se teria pois imaginado em presença d'esta scena que o P. de Pontlevoy nos descreve com tão vivas cores? — O sr. abbade Petit, vizinho da cella do P. Coubert, batia, de tempos a tempos, uma pequena pancada na parede que os separava; era o signal convençional. O P. Coubert vinha á janella, e conforme a uma bella e doce locução da sagrada Escriptura, *fallava apax*, mas tão bem que a dava.

Em seguida não contente de fallar, punha-se a cantar: «Demorae-vos! dizia elle, para vos entregardes do coração, ponha-

mo-nos a cantar o *Sagrado Coração* e tendo passado ao sr. Petit um piedoso cantic do P. Lefebvre, cantaram uma estrophe a duas vozes».

Passava-se isto na tarde de 25 de Maio. O P. Ducoudray, tendo-se inteiramente sacrificado desde o primeiro dia, dizia pouco antes de sua prisão: «Dentro em pouco tempo nossas egrejas serão fechadas, nossas casas devastadas, nossas pessoas encarceradas, e Deus sabe quem recuperará sua liberdade». Parece que prestava mais attenção, mais interesse, aos acontecimentos exteriores. Vemos em seu regulamento que todos os dias, cerca d'uma hora, percorria os jornaes. Segunda vez, fallou do *Siecle* e da *Vérité* que acabava de ler.

Estas preocupações sociaes dependiam das circumstancias de sua vida. Superior d'uma casa onde se formavam mancebos destinados a todas as grandes carreiras, e em continuo contacto com as familias de que se compõe a flor do paiz, estava associado de mais perto que nenhum outro ao movimento das ideias. Muitas vezes, apontava com o dedo o vacuo que deixava em tantos espiritos eminentes a ignorancia da verdade religiosa, e, tocado dos immensos resultados que poderia immediatamente produzir nas mas massas populares o exemplo vindo das summidades da sciencia, ou dos chefes do exercito, estava constantemente preocupado dos melhores meios d'influndir na mesma origem da vida intellectual e social a fé que esperava ver d'aqui espalhar-se rapidamente no paiz.

Com isto, uma candura de menino: «Tendes uma vontade de ferro» lhe disse o commandante do batalhão que o recebeu na prefeitura da policia, e que não pôde chegar a intimidá-lo. — Pois bem, acreditar-se-ia que depois d'esta conversação (não se pôde dar-lhe o nome de interrogatorio) em que o P. Ducoudray tinha mostrado tanta dignidade, viesse ao encontro d'um de seus companheiros de captivo, seu intimo amigo, e lhe dissesse: «Vejamos, com toda a franqueza responderia bem?.. Não tendes vós a exprobrarme qualquer fraqueza? Dizei-m'o com muita simplicidade, supplicovolo». E insistia, querendo a toda a força não ter estado na altura da situação.

O P. Ducoudray é uma prova d'esta verdade, que a regra religiosa endireita é natureza, sem jámais a quebrar; e não a uma das leições menos amaveis de qualquer physionomia o deixar-se algumas vezes apoderar d'um pequeno destalhecimento da natureza, depois do que se aprecia melhor ainda sua habitual serenidade.

Um exemplo. Com data de 8 de maio, encontramos a seguinte carta repassada de intimidade:

«Este pobre coração, seria bem tentado por algumas vezes de se escapular e saltar. A imaginação seguiu-o-hia voluntariamente.

Nenhum d'elles se deixa dominar pela razão tanto quanto eu queria. D'aqui, em certas horas, certos accessos ou veleidades de repugnancia, de soffrimentos d'alma, que a lançam na languidez, o desanimo, a inquietação e o desgosto».

Que se não vá inferir d'aqui que sua firmeza foi quebrada! As linhas que se seguem no texto nol-o mostram retomando depois sua primeira serenidade. E' exactamente o mesmo homem, que no caminho da prisão, inteiramente radioso, citava a seu companheiro este texto: «*Ibant gaudentes*», tomado pelo P. de Pontlevoy co-

mo epigraphe e cujo estylo concluia depois por estas palavras:

«Oremos, muito, disposto a viver ou morrer, se for do agrado de Deus, como bom filho de nosso bemaventurado pae Santo Ignacio».

Mas eis que se nos offerece um novo sentimento nas cartas do P. Clerc. E' se attrahido immediatamente para elle pelo lado terno, affectuoso, de sua natureza. Não ha tam pequeno serviço que não provoque de sua parte mil expressões de reconhecimento. Escreve pela maior parte das vezes, a seu irmão: não se poderia ver sem ternura a mutua confiança, a solicitude, as reciprocas delicadezas, em uma palavra, a intima união d'estas duas almas.

E' depois a seus amigos que incessantemente envia uma lembrança. «Oh! quanto se faz sentir, diz elle, a separação d'aquelles em quem o coração depoz o seu amor!»

As almas ternas são muitas vezes fracas; será assim a respeito d'elle? Não. No P. Clerc ha tambem força; ha mesmo n'elle mais do que sangue frio, mais do que indifferença, ha alegria. E' que seu amor não parava no caminho, Amava a Deus tão vivamente, tão sensivelmente, se assim posso fallar, quanto aos homens, e é por isso que parece não ter tido repugnancia alguma (o que a nós parece tam difficil) em fazer por Deus todos os sacrificios que faria por um amigo, e muito maiores ainda!

A peça principal onde se revela toda a verdadeira sensibilidade e profundo amor que existia n'esta alma, é a carta de 13 de maio.

Por meios que se contarão mais tarde e que se acreditariam verdadeiramente tirados da narração d'alguma perseguição do tempo dos imperadores de Roma, tinha-se conseguido fazer chegar a sagrada Eucharistia aos pobres encarcerados, que estavam privados d'este grande bem desde ha muito tempo.

O P. Clerc exhalava por esta occasião seu reconhecimento, n'uma carta que é um verdadeiro cantic d'amor.

E' preciso lê-la, não pôde analysar-se. Cito unicamente as ultimas linhas para mostrar que o amor divino não enfraquece as almas.

«Esperava que Deus me daria a força de bem morrer; hoje, minha esperança tornou-se n'uma verdadeira e solida confiança. Parece-me que posso tudo n'aquelle que me conforta e que me acompanhará até á morte. Quererá-o elle? O que sei, é que se o não quer, terei d'isso um pezar que só a submissão á sua divina vontade poderá abrandar».

Ainda algumas palavras suas: «Tenho ouvido fallar de proposições de troca entre certas pessoas. *Atsil!* Eu não quero. Estou mui pacifico e farei tudo o que for necessario. Mas ha tantas razões para recusar uma troca! Oh, não!».

Reservei para o fim o P. Olivaint, porque me parece resumir verdadeiramente em sua pessoa as virtudes de todos os outros. Sua correspondencia é mais numerosa. Aquelles que o conheceram, encontrão-ham aqui tal qual era. Realizava a perfeição d'este preceito difficil que repetia muitas vezes a seus jovens amigos: «E preciso chegar ao ponto de fallar como se escreve e d'escrever como se falla».

Em suas ultimas cartas, encontra-se sempre o estylo conciso do homem obrigado, por innumerables occupações, a não escrever

jámais senão o necessario; todavia, nada tem de secco, mas antes alguma cousa nervoso e mui substancial. Quantas ideias em poucas palavras!

«Dae graças a Nosso Senhor como». Tal o principio de sua primeira carta de 7 d'abril, e sua ultima linha, escripta a 18 de maio, é a seguinte:

«Ainda mais uma vez, quanto é bom Nosso Senhor!»

Mettem-se de permeio quarenta e seis dias de retiro.

Sabeis qual é o estado actual da Hispanha? Eil-o:

Um rei, estrangeiro filho do Caligula do seculo 19.º que despojou Francisco 2.º das duas Sicilias que sujeitou aos seus estados os ducados de Parma e Modena, que tirou á Austria Venezia, que por fim nem Roma deixou a Pio IX. que tenta talvez ainda invadir algumas provincias da França, que opprime com feroz despotismo aquelles povos que outr'ora viviam felizes abrigados sub o manto de seus legitimos monarchas. o filho d'esse rei sacrilego e ambicioso Ceazar é o que preside aos destinos da nobre patria de Pelao! E o povo hispanhol viu um estrangeiro subir os degraus do throno de S. Fernando. Vin aquella realza par-da empunhar o septro de seus maiores e ao ouvir o troso do canhão que annunciava aos madrilenos a chegada de um italiano quem seria entregue a chave de seus destinos, escondou-se espavorido de terror e com as mãos cobriu sua nobre fronte. Os nobres vestiram rigoroso luto e em seus coches cobertos de negro crepe percorreram as ruas de Madrid, n'esse dia em que o estrangeiro escudado pelas bayonetas e cercado de ambiciosos allicos entrava ovante na Capital de Hespanha.

Ao desespero de um povo que accordou um dia agrilhado ao estrangeiro responderam os alegres rípiques do campanario e os soluços de todo um povo foram abafados pelo troar das salvas.

O hispanhol ativo e nobre, amante de suas tradições gloriosas chorou de vergonha, mas as suas lagrimas foram bebidas pelos sequiosos degenerados que arrastaram fadigas para vender a patria em proveito seu. Então a hispanha que tinha visto decair gradualmente o seu credito desde que teve um governo liberal, viu depressa os seus papeis de credito serem offerecidos na praça pela 4.ª parte de seu valor. Viu os allicos comprometter o seu futuro com fabuloso deficit. Viu os magnates zombar de suas dôres. Viu um governo despotico co-artar-lhe essa decantada mas fementida liberdade da urna e empregar os escandalos mais inauditos. E esse povo infeliz soffria e soffria muito. A esperança era a sua estrella de salvação. Em um dia... e foi na primavera de 1872 esse povo accordou de seu somno letargico e sentiu-se preso de suas duras cadeias. Viu um mancebo na flor dos annos desfraldando uma bandeira branca em que se divisavam as palavras — Deus, Patria e Rei—. E quando essa bandeira tremulava nos escarpados serros da Navarra, e uma brilhante aurora bordava suas linhas curva e subitis, um unico grito fez quebrar essas gramalheiras infames—Viva Carlos VII!

E o povo hespanhol sentiu referver no peito seu nobre sangue. Agrupado em derredor d'esse pendão real jurou vencer ou morrer.... E caminha... caminha trilhando a senda gloriosa de seus antepassados. Ca-

minha pelejando pela patria, maior herança de seus predilectos filhos. Caminha illuminado pela aurora da verdadeira liberdade. Caminha afugentando de seu solo o aventureiro que tentou subir ao solo de seus legitimos monarchas. Avante!

Questão da saída do Nuncio.

Quando fallamos sobre a saída do sr. Nuncio, de Lisboa, fundamo-nos em razões que julgamos boas e seguras, e em informações insuspeitas. Combinando-as com algumas palavras proferidas pelo S. Padre, pouco depois da retirada do sr. Nuncio, expozemos o nosso juizo explicativo do seu chamamento a Roma, d'um modo, que, por certo, lhe não era favoravel.

Hoje, porém, as mesmas pessoas que nos informaram, e outras que passam por bem informadas, nos deram explicações, que, juntas, com o bom acolhimento que teve de S. Santidade, que o continúa na Nunciatura de Portugal; e attendendo ao modo desbragado com que o sr. Nuncio é mordido no decantado *Livro Branco*, e aos ataques brutos, que soffre da maçonaria, na imprensa, não podemos deixar de nos sentirmos abalados na opinião que haviamos formado.

Finalmente, quando o Mestre infallivel da verdade se pronuncia tão visivelmente pelo sr. Nuncio, não seriamos nós, que somos catholico legitimista, que nos demonstrassem em dar pleno testemunho da nossa boa fé, retirando tudo o que possa offender o sr. Nuncio, e que deve recair sobre quem de direito.

REVISTA ESTRANGEIRA

Se por um lado o genio do mal, representado pelo rei Victor Emanuel, procura amargurar a existencia do Santo Anúncio do Vaticano, por outro, Jesus Christo continúa a dar visiveis provas em favor do seu illustre Vigario.

Acaba de prefazer oitenta annos, depois d'uma vida attribulada e cheia de dôres moraes, mil vezes mais terriveis do que as fisicas.

Estas mesmas não o tem poupado, e quando tinha plena liberdade para sair do Vaticano, e mesmo de Roma, quando podia passar algum tempo na sua casa de campo de Castel-Gandolfo, sempre tinha mais ou menos padecimento doloroso, que soffria com a resignação do justo.

Acha-se agora recluso no Vaticano, falta-lhe espaço para se mover, para se agitar, para haurir ares puros e novos, desde que os amigos do alheio entraram pelo rombo, que a artilheria do rei mais ingrato da Europa, fez na porta Pia, e gosa perfeita saude. Os seus filhos de todas as classes da sociedade, tanto de Roma como de todo o orbe, offerecem-lhe quotidianas consolações, que lhe adoçam o viver, ao passo que vam espicaçar e ralar d'inveja o seu oppressor, aquelle que o tem defraudado do que é seu.

Se está privado do seu palacio do Quirinal, aquelle que tudo lhe tem roubado teve d'entrar n'esse palacio pelo telhado *tanquam furem*.

Nada tem obtido do direito e da espontaneidade dos romanos, só á força viva e material deve as cubicadas possessões que

nubio, do Savá e do Boreca. Antes porém de chegarmos a Panesova — lugar-tenencia do regimento fronteiro do banato de Graenza, — passamos outra vez por debaixo das muralhas de Belgrado.

A oeste da cidade devisamos a celebre torre, da qual nunca prisioneiro algum sahio com vida. Foi n'ella estrangulado por ordem, da Porta, Kara-Mustapha, esse orgulhoso ministro criminoso d'uma estulta confiança já castigada com um acervo d'infortunios, que desde Vienna, d'onde aterrorisava a Europa, o conduziram fugitivo até Belgrado, onde encontrou a morte.

Deste lado vê-se unicamente a parte da cidade turca, cujo aspecto é muito mais desagradavel, do que a parte pertencente á Servia, que é afformoseada com os palacios dos senadores e dos consules situados, quasi todos nas collinas ao nascente de Belgrado. Um grande numero porém de torres, vistas de longe, dam á cidade turca um aspecto enganador.

De longe nos promete maravilhas, porém, de perto, tudo sam ruinas. Teve uma grande importancia outr'ora esta praça, porque foi o baluarte da christandade, e o theatro de successos importantes.

Mahumet H, Huniada, Capistrão, Solimão H, Kara-Mustapha, Eugénio da Saboia, tres assedios e tres batalhas nas quaes se debateram interesses consideraveis, taes são os nomes e os factos, que mais de perto se ligam á historia de Belgrado.

conforme quer. Geralmente a gorra, pluma, capa, calça e botas são para todos iguaes; os ornamentos porém d'estas diversas partes do traje nacional, são mais ou menos ricos e mais ou menos elegantes. O Conde de Chambord entretive-se bastante tempo com elles, que lhe deram esclarecimentos minuciosos e interessantes a respeito de bonnato e particularmente da cidade.

Temeswar e suas dependencias contam uma população de vinte mil habitantes, e os suburbios, que o canal atravessa, são bem construidos e muito commerciaes, e a cidade regular e ornada por lindos palacios; mas o clima é viciado pelas axhalações do canal e das lagoas.

Na praça do governo estava reunida toda a guarnição, infantaria e cavallaria, para desfilar diante do conde de Chambord, que lhe presenciou muitas manobras muito regularmente executadas. O principio da tarde foi consagrado á visita dos estabelecimentos publicos e fortificações. Temeswar é uma fortaleza de terceira ordem possuindo um arsenal bem abastecido e enriquecido com um grande numero d'armas antigas e de trophéos conquistados aos Turcos. Muitas senhoras alli concorreram na esperança de verem o principe e de lhe serem apresentadas; e effectivamente elle as recebeu n'uma das sallas do arsenal. No meio da tarde jantou com o commandante general, o vice presidente da nobreza e principaes auctoridades civis e militares, que elle havia convidado. Instado para comparecer no

rito das leis, a Historia da Restauração, a da campanha da Russia escripta pelo general de Chambray e a ultima viagem do marechal Marmont. Estas leituras misturadas com reflexões interrompidas por commentarios ajudavam-nos a soffrer os grandes incommodos da viagem.

A duas legoas de Temeswar atravessasse o Témès, em cujo ponto nos surpreendeu uma outra tempestade, que nos teria de certo retardado muitas horas a jornada, se não tivéssemos encontrado a calçada a uma legoa distante da villa Um official de ordenança e alguns hussars tinham vindo ao encontro do conde de Chambord para lhe servirem de guias. A chuva cessou ao entrarmos em Temeswar, onde em frente da hospedaria nos esperava em armas um batalhão: a população enchia as ruas e as praças e cada um queria ver e saudar o joven principe. Esta benevola curiosidade não pôde ser satisfeita, porque era quasi noute quando chegamos. O agosto viajante, ao apeiar-se, encontrou reunidos os officiaes generaes, e o commandante da praça, que lhe foram apresentados pelo conde d'Auersperg, commandante geral do banato.

O dia seguinte gastou-se utilmente; de manhã recebeu o principe os officiaes da guarnição, as auctoridades civis bem como uma deputação da nobreza. Teve o gosto de ver os magnates húngaros no seu traje maravilhoso. Em verdade nada se pôde conceber de mais nobre nem de mais graciosamente variado, porque cada qual se veste

Ao desembarcarmos em Panesova, praça forte conquistada aos Turcos em 1716 pelo conde de Mercy, encontramos na praça á nossa espera o major-general Médén com todos os officiaes do regimento fronteiro. Ao local do desembarque affluu tambem uma grande parte da população, que em tropel acompanhou o principe á aposentadoria, onde já as carruagens eram esperadas. O principe recebeu o estado-maior, os empregados civis e todos os habitantes notaveis, que pediram para lhe ser apresentados.

Abandonamos por algum tempo a revista dos regimentos fronteiros, porque haviamos já visto muitos, e porque a organização d'estes regimentos em toda a parte é a mesma, podiamos fazer já uma exacta apreciação d'este importante systema d'organisação militar.

As fronteiras militares da Austria estendem-se desde o Adriatico até á extremidade da Transylvania formando uma linha de mais de quatrocentas leguas defendida por 16 regimentos d'infanteria e um regimento de hussars, que todos representam um effectivo de setenta mil homens. Este effectivo, absolutamente subordinado ao computo da população, tende a elevar-se com ella. A' similhaça das antigas colonias romanas esta população é militarmente constituida, cada homem, simultaneamente agricultor e soldado, está sujeito ao serviço activo doze annos, e terminada este tempo fica sempre sujeito ao da reserva. Durante a paz, formam estes regimentos na

gosa, e em que toca com seus lirtos e tremes dedos.

A sua victima nada quer com o usurpador dos seus estados, com o profanador de seus templos, com aquelle que se apoderou de seus palacios, que todos os dias fecha os asylos da oração, da piedade, e da beneficencia.

D'elle nada quer receber, nem ainda uma sede d'agua, que levaria um veneno corrosivo, como venenoso é tudo o que pratica um rei, que nada ha que não viole, que não conspurque.

Nada quer receber do Herodes dos nossos dias, que seria tornar-se cúmplice de suas malfetorias, de suas ingratições, de suas violações da propriedade e do direito.

Pio IX não faltará nunca ao seu dever; porque prefere morrer.

Se assim não fosse, não teria ficado em Roma, nas mãos do seu maior inimigo.

Não se teria conservado decidido e resignado no meio dos descrentes e immoraes da Roma, de toda a Italia, de todo o mundo.

Todos os dias apparecem em Roma os irmãos e amigos de Tognetti, os discipulos de Doellinger, os judeus mais famosos, e tambem o filho e os sectarios da besta negra de Garibaldi, e sobre tudo o frade apostata que no claustro se chamava fr. Jacintho — e que no seculo se chama Loyson.

E' um nome bem antypathico aos portuguezes, que lhes recorda o general-fera, que sob a aguiá de Napoleão, roubou e trucidou os portuguezes do Minho, Beira e Traz-os-montes.

Em compensação, tem o Santo Pontifice todos os dias uma recepção numerosa e brilhante.

Sam os reis da terra, sam os príncipes, sam os nobres de nomes mais conhecidos, que vam prostrar-se ante o Papa infallivel, ante o rei despossado dos seus estados.

Sam os reis e príncipes desthronados e roubados, que vam retemperar-se na presença da victima, resignada, dos maiores attentados do seculo.

Sam todas as classes da sociedade — sam todos os sexos — e edades, que lhe vam levar o tributo de suas homenagens.

Sam os filhos da Europa, da Asia, e da Africa, da America e da Oceania que vem prostrar-se ante o Pontifice-Rei, cujo glorioso nome não conhece limites sobre a terra.

Salve Santo Ancião, Santo Rei, e Santo Pontifice, que proclamou dogma a immaculada Conceição de Maria, a pura Mãe de Deus, a infavel protectora do genero humano.

O contrario do bem é o mal, e que maior mal do que o rei de Sardenha, hoje denominado rei d'Italia?

Inimigo da religião tem perseguido o chefe da Religião, e o conserva encarcerado no Vaticano.

Salteou-lhe os seus Estados em plena paz, e sem direito algum, além do que tem os amigos do alheio, fez mão baixa em seus palacios, em seus templos, em seus conventos, em seus hospícios, affrontando a caridade, a inviolabilidade do claustro, e todos os direitos reconhecidos.

Os bispos, os cabidos, os beneficiados, os religiosos regulares e seculares, as castas esposas do Cordeiro sem mancha tudo tem perseguido e saqueado o emulo d'Atila, se bem que este retirou ante a imagem de S. Leão.

Respeitou Pedro no seu successor, o que não tem feito aquelle que em seus actos de deprecação o tem tomado por modelo.

Victor Emanuel tem violado todos os direitos, tem rasgado todos os vinculos sociais e moraes.

Em plena paz, e sem direito algum sem ser o da força bruta, mandou saltar os Estados de seu parente Francisco 2.º de Nápoles pelo pirata Garibaldi.

Mandou atraiçar esse joven príncipe pelo seu embaixador Villamarina, que tendo a bordo de seus navios surtos em Nápoles soldados piemontezes, aconselhava desleal e traiçoeiramente o joven príncipe, antes de desembarcar esses soldados.

E quando viu que não bastava Garibaldi, e todos os infames traidores de Nápoles para lhe entregarem a patria que lhe haviam vendido, como a alma ao diabo, invadiu elle mesmo villamente os Estados de seu sobrinho.

A realza do seculo XIX tem apresentado reis como Victor Emanuel, para mostrar o que é um rei liberal!

E' um rei-tipo, mais ainda é o archi-tipo d'este seculo famoso em aberrações.

Para melhor guerrear a religião de seus maiores, e para imitar os imperadores do paganismo romano, e os reis do scisma e do protestantismo moderno aspira a ser papa, já que não pôde ser Papa-rei.

Para isso ajunta á perseguição a alliança com o protestantismo prussiano.

Mas de balde o coga a ambição sem limites, que já vae collendo o fructo de seus crimes.

Se pede á mais desenfreada das devassidões, o esquecimento de suas noites mal dormidas, e de seus dias attribulados, o espinho do remorso espicça-lhe a alma.

Vê desaparecer-lhe diante de si seus irmãos, seus filhos, os seus parentes, amigos e mais leaes subditos.

Vê um povo, que lhe obedece sim, porque ainda é monarchico, porém que o detesta e abomina.

Depois de ter vendido o berço illustre de seus avós para lhe entregarem Roma, vê os republicanos e socialistas cavarem-lhe o terreno debaixo dos pés.

Francisco II de Nápoles, com o reflexo do sol da Navarra, tem-se aquecido a ponto, que trata de contrair um emprestimo para estar preparado para o dia, em que o colosso de pés de barro fôr tombado pela misteriosa pedra despedida da montanha por mão invisivel.

O joven duque de Parma, que ha pouco, vai subir ao ceu seu joven filho de 15 mezes, foi a Roma retemperar-se no seio do Pae commum dos fieis para tambem esperar melhor os dias da justiça impendente sobre a cabeça do rei Galantuomo.

E' bem certo o adagio que diz que o alheio chora por seu dono.

Talvez que d'ahi viesse o axioma juridico.

*Res ubicumque est sui domini est.*

E por isto tudo é que os usurpadores tremem nos seus assentos; porque não ha ladrão, que tranquillamente e sem enfiar possa ouvir fallar em corda.

A Rússia, silenciosa, prepara-se para cumprir os seus grandes destinos.

Arma-se por terra e mar com uma actividade febril.

O que os seus immensos e bem povoados arsenaes não podem fazer trabalhando sem descanso incommenda-se ás officinas estrangeiras.

As suas fortalezas tornam-se inconquistaveis e constroem-se outras novas, aonde se tornam necessarias para cobrirem o imperio, e para o sustentarem.

Procura novas allianças, consolidando das velhas as melhores, para se não achar isolada nos dias de perigo.

E sabem que seismatica procura aos pés do successor de Pedro a força que só vem de Deus.

O novo imperio germanico amassado com sangue francez parece ferido no seu artifice Bismark, e no seu instrumento Guilherme de Zollern.

A ambos toca a mão de Deus.

Ambos estam enfermos; e não podem trabalhar activamente, porque o cerebro lhes vae amollecendo.

A justiça de Deus tarda ás vezes porém nunca falta. Cedo ou tarde sempre vem.

Zombaram dos catholicos: guerream o Papa, os bispos e o catholicismo todo, sem se lembrarem dos que os precederam na mesma carreira n'essa mesma Alemanha.

Que olhem para a porta, que o castigo está a entrar por ella, se antes lhes não chegar nas azas dos ventos.

Retomaram com um novo ardor a guerra contra os Jesuitas, porque é a ordem mais sabia, mais popular, mais activa; e que por isso mais temem.

Na sua insanias, que Bismark, no seu orgulho, tomou como invenção nova e sua, ousou arcar com o Pontificado, pensando que quem esmagou a França e faz tremer a Europa, armada de ferro até aos dentes, melhor pôde assustar um padre inermem, vencer um pobre velho com os pés na sepultura.

Senão se deslembresse de que o 1.º Napoleão — aquelle que fez esquecer os conquistadores antigos e modernos, batia o pé de colera e chorava despeitado, por que elle dominava, sim os corpos, e esmagava a Europa debaixo de seus talões de ferro; porém um velho curvado ante a Cruz do Redemptor no mais recondito do Vaticano, dominava os espiritos, sem esforço, porque tinha em suas mãos a consciencia dos povos.

Rangendo os dentes rosnava, a mim só a materia, a Elle o espirito.

Empregou todos os meios de que podia dispor para dobrar o Velho do Vaticano.

Fel-o conduzir a Paris e com Elle como Satanaz a Jesus, tudo lhe prometteu: *Hec omnia tibi dabo si cadens adoraveris me.*

Porém de balde que o Vigario de Christo permaneceu inflexivel.

Exigiu que escrevesse uma encyclica contra a Inglaterra protestante a quem ia guerriar, que a assignasse ao menos.

Recusou-se, que não era justa a guerra, nem elle escrevia contra seus filhos, embora tresmalhados do redil apostolico.

Trasbordando em colera, afferrou-lhe o pulso com mão de ferro, mas de balde que a victima sorriu resignada, e permaneceu imperterrita e inabalavel.

*Non possumus.*

Levarão os eccos a phrase após o Nero, que se retirava desesperado.

*Non possumus* disse por vezes Pio IX ao 3.º Napoleão, e lá está no exilio acompanhado das maldições da França e do mundo catholico.

*Non possumus*, tem dito ao Cesar da Germania, e ao seu archi-chancellor, e aca-

ba de lh'o repetir por occasião da nomeação do cardinal Hohenloe, para embaixador Jo imperio em Roma.

Já dizem que Hohenloe será Papa depois de Pio IX, cuja vida pertendem encurtar, com o fel de seus malfeticos e protervias.

Não tardará que vencidos na luta digam «Venceste Galileu; fulminados como o apostata Juliano.

Os judeus e pedreiros livres continuam a arrastar o fraco imperador d'Austria para a beira do precipicio em que terá de sumir-se a Austria pelos seus crimes antigos e modernos, se Deus lhe não perdoar, pelos castigos que já tem soffrido, e com especialidade o de aturar os liberaes, que não é pequeno.

A França está a braços com perigos momentosos.

O duque Audifret Pasquier levantou o veo das malversações do imperio e da republica — gritou aqui d'El-Rei ladrões! — e foi bem acolhido da França que tão roubada tem sido.

Rouher, o grande orador, o grande politico, que a respeito do abandono de Roma pela França, preferira nas camaras, com voz estentoria, o famoso -jamais- que eocou em todos os angulos do Universo, debalde quiz defender o imperio que ficou achata-do na Assembleia, e mais achata-do em toda a França.

Gambetta pediu espera para apresentar a defeza da republica, que apezar de ser impossivel, lhe foi concedida por equidade.

Seria bom que tambem rasgassem o véo diáfano que encobre as torpezas da monarchia constitucional de julho da melhor das republicas, como lhe chamou Lafayette, pela politico do sr. duque de Saldanha, quando poz o seu vario espadao ao serviço dos tres dias gloriosos de Paris.

O que não deixa de ter graça é que Napoleão, ainda não desenganado de que o seu tempo passou para não voltar, se lembre de dizer que está acima da Assembleia pelo suffragio, e que reivindica as honras de Sedan.

Napoleão está doído, ou quer fazer en-doidecer os francezes.

Todos sabem que elle é mestre em materia de organizar o suffragio universal, e Victor Emanuel é o seu melhor, e mais honrado discipulo.

O suffragio é uma burla, como burla é tudo que tem saído da escola liberal, que de liberal só tem o nome.

Vae tratar-se da questão espinhosa da reorganização do exercito.

Os partidos preparam-se para um futuro proximo, e procuram por esse motivo melhorar a sua posição.

As lojas maçonicas doem-se dos circulos, ou juntas catholicas, e na sua imprensa lançam mão contra elles da calunnia, arma que tão familiar lhes é, e de que sempre se serviram com vantagem.

Os Catholicos, não os liberaes, porém sim os legitimistas, fazem voto de não se deixarem defraudar agora, e tem tomado grande calor com o movimento carlista.

Esperava-se o Conde de Chambord em Lucerna na fronteira Suissa de França.

A sua vinda dava esperanças a uns e terrificava outros apesar de sustentarem theoreticamente que os legitimistas morreram ha muito tempo, e que não acreditam na resurreição da carne.

Tambem cá temos d'isso, e quem ameaça com a espada de Damocles, da revolução; porém deixem-nos embespinhar por-tém-se com até agora.

*Risum teneatis amici.*

Para passar o tempo vam-se entreterendo com a leitura das noticias d'Hispanha, que offerecem uma escola que ninguém deve perder.

Rompou o movimento carlista no dia 21 d'abril, e temos diante de nós folhas de Madrid de 23 de maio; ha pois, 38 dias que dura o movimento, e de um dia para o outro augmenta a olhos vistos.

Na Navarra e Vascongadas já ha consideraveis forças organizadas, no movimento carli-ta.

O rei Carlos VII já está á sua frente. E bom foi o ensaio d'Oroquieta na Navarra; porque os carlistas não tornaram a esperar os seus contrarios, embora lhes prometam entregar-se, senão em posições estrategicas, nem é possivel agora que algum, por melhores desejos que tenha o possa entregar nas mãos dos seus inimigos.

Não ha meio a que os liberaes hispanhoes não recorram, e que não julguem bom com tanto que colham ou possam colher resultado.

Tem publicado officialmente pelo ministerio e seus agentes, que se tem apresentado já, e em massa todos os carlistas que estam em armas, e aquelles que hão de vir a empunhal-as, e quando desmentidos até pelos seus respondem com o maior desca-ramento: «Não vieram juntos, porém hão de vir á formiga!

Aprisionaram D. Carlos — mataram D. Carlos — metteram D. Carlos em França — depois na Suissa — depois na Alemanha — e finalmente na Belgica — feriram-no na mão esquerda — depois na cabeça cortaram-lhe dois ou tres dedos — e elle lá está á frente do exercito, ora na Biscaia, ora na Guipuzcoa, ora em Alava — ora na Navarra.

Feriram gravemente o infante D. Alfonso na batalha d'Oroquieta, que não passou d'uma charrafusea, e apesar dos ferimentos graves, entrou no dia 6 de maio na Catalunha.

Matram-no agora ha dias, na Biscaia, em virtude d'aquelles ferimentos, e eis que os mesmos liberaes o dam a passear na Catalunha como Pedro por sua caza.

Umam vez só, e outras acompanhado, entra em Tarragona e Barcelona: apparece nos cafés, e nos Lyceus assistindo aos actos; e ultimamente appareceu na cathedra de Barcelona, acompanhado de dois sujeitos, levando uma alampada de prata ao Santo Christo de Lepanto, em cumprimento d'um voto, e deixou dinheiro para ser alumiado, orou na crypta, e retomou o curso de suas viagens, deixando escripto, que era voto do infante D. Alfonso de Bourbon.

Apezar do enorme pezo de tropas que debaixo do seu commando tem o general Serrano duque de la Torre, nada tem adiantado; porque os carlistas seguem a tatica de Zumalacarreui, marcham e contramarcham com grande pericia. Dividem-se e subdividem-se, e até dispersam para irem reunir-se na rearguarda de Serrano e dos commandantes de suas divisões.

No entanto, n'estas marchas e contramarchas, se encontram á mão alguma divisão ou brigada, regimento ou batalhão, atacam-n'os, e batem-n'a conforme podem.

Não esperaram a pé firme Serrano e o seu numero e apparatus exercito, em que ha brigadeiros, marchas e tenentes-generaes para commandar companhias e até piquetes avançados, porém bateram-no e aos seus generaes em deta he.

No dia 14 bateram Letona e sua divisão que é a 2.ª, em Minbaria, onde perdeu perto de 200 mortos e feridos e 700 e tantos prisioneiros, ou passados, e um parque d'artilharia.

No dia 15 tocou ao general Acosta, que commanda a 1.ª divisão; e tambem uma perda quasi igual, ficando os carlistas victoriosos.

No dia 16 bateram o batalhão de caçadores da Mendigorria, que quasi ficou no campo, ou nas mãos dos carlistas, apezar da bravura com que se bateu.

No dia 17 tocou a Serrano, não se diz qual das divisões estava sob suas ordens, e para lhe serem tomadas as bagagens, não devia ter pequena a perda.

Em 18, 19 e 20 houve choques na Navarra confessados pelo governo que reclama o vencimento; porém os carlistas teimam que venceram elles, e devemos acreditar-los, não só pelos resultados palpaveis, senão ainda porque o governo mente, mente muito, mente sempre, e porisso não tem direito a ser acreditado.

As acções de 14 a 17 tiveram logar na Biscaia e Guipuzcoa; e o mesmo duas que tiveram logar uma em Onhate, na Guipuzcoa, no dia 21, e outra no dia 22 em Salinas na Biscaia.

Parece que foram ambas com o general Letona, e porisso faz crer que vinha em retirada sobre o general Serrano, sem que podesse sustentar a sua posição involvente.

Ainda nada dizem sobre sua perda os jornaes do governo; porque a «Gaceta» adoece de mudez periodica, e porisso não se pôde alli encontrar a verdade.

Depois da apresentação em massa, que tão vergonhoso resultado teria para quem tivesse vergonha, recorreram a nova traçaça.

Os liberaes, ou como quer que se chamem, sam os mesmos por toda a parte, até mes-tre entre nós, o que sempre nos faz rir, mentem que se desunham, e quando não os acreditam, sob sua palavra honrada, insultam logo, e empregam os seus argumentos irrespondiveis, e de força de 3:00 cavallos como os 3:000 carlistas navarros, que deram apresentados em Estella, de 4:000, como os apresentados na Biscaia; e de 5:000 como os apresentados na Guipuzcoa.

Agora vamos tocar na mais fresqui-nha, que é: «quanto Serrano está em inação, esperando as tropas que pede todos os dias, e os recursos de todos os generos, diz que está em negociações com os carlistas, para uma nova Marotada.

Porém os carlistas dizem que mente, e em prova de sua asserção dam as duas acções em 21 e 22 em Onhate e Salinas, e que se dispoem para outras, por aquella razão que dam entre nós os maritimos: «Em quanto venta molha-se a vella.»

Na provincia de Burgos incrudescceu o movimento achando-se já em armas mais de 2000 homens sob o commando do coronel de cavallaria D. Thomaz de Zariategui.

Nas contiguas da Rioja Alaveza, Santander, Asturias, Palencia, Soria e Guadalajara tem recrudescido o movimento consideravelmente desde que veio nova ordem de D. Carlos para que saíssem da inação.

Parece que ha armas em abundancia, terra marique recebidas.

A pequena distancia de Madrid e em Alcalá appareceu um gros bando carlista, palavras formaes das folhas liberaes da capital e commandado por um coronel que deixou D. Amedeu.

Em Toledo e Mancha o movimento tem-se tornado tam superior, que os seus se-

guidores começam a ser chamados latro-facinosos, pelos urbanos jornaes de Madrid, pelo facto de recolherem os fundos publicos, de que passam recibo, sem que toquem um alfinete d'um particular.

Em Toledo, uma força de 500 infantes e 400 cavallos derrotou completamente 4 companhias d'infanteria, um esquadão de lanceiros, e mais d'um cento de guardas civis.

Na Catalunha só em tres pontos, que eram Barcelona, Tarragona e Lerida havia 15:000 homens bem organizados e armados, além de varias partidas ayulsas, e sem contar com as forças d'outras localidades do mesmo principado da Catalunha.

O Aragón Alto e Baixo, o Mestrado, Valencia e Murcia e Cuenca regorgitam de partidas — teem recebido muitas armas pela Costa do Mediterraneo, e ainda ninguém desmentiu a entrada de Cabrera.

Na Andaluzia appareceu umha boa partida carlista na provincia de Granada; e na Extremadura divagam algumas que vam crescendo em numero, e que sam bem acolhidas; e o mesmo em Leão, e agora em Galiza.

D. Francisco de Paula e Borbon, filho do infante D. Henrique, e primo do joven Alfonso, foi para as Vascongadas onde seu primo Carlos VII aceitou os seus serviços.

Tanto Carlistas como amadeistas reconheceram a ordem hospitalaria de S. João que com a cruz vermelha em bandeira branca cobre a casa onde ha feridos, que não carecem de guarda.

Serrano enviou o seu medico ao general carlista Vrbarrri, e o capitão carlista Garcia levou um capitão de caçadores de Mendigorria, que se escoava em sangue, de baixo de fogo, ao colo para uma casa proxima, onde lhe enviou facultativo que o salvou, enquanto elle voltava ao commando da sua companhia e continuava até o fim da acção.

Como Sagasta deu a sua demissão e dos mais ministros, foi substituido no dia 25, e jurou a 26. Topete, presidencia e guerra; Ulloa, estrangeiros; Groizard, justiça; Alhuayen, finanças; Candan, interior; Balaguer, ultramar; Antequera, marinha.

Topete declarou nas camaras que seguia a politica de Sagasta. Este saiu por concussão, calunnia, e roubo. Seguem pois, boa politica, e devem colher bom resultado.

Dizem que Topete fica como testa de ferro de Serrano, que quer acabar primeiro com a facção. Leva bom caminho para isso.

Como Sagasta deu a sua demissão e dos mais ministros, foi substituido no dia 25, e jurou a 26. Topete, presidencia e guerra; Ulloa, estrangeiros; Groizard, justiça; Alhuayen, finanças; Candan, interior; Balaguer, ultramar; Antequera, marinha.

Topete declarou nas camaras que seguia a politica de Sagasta. Este saiu por concussão, calunnia, e roubo. Seguem pois, boa politica, e devem colher bom resultado.

Dizem que Topete fica como testa de ferro de Serrano, que quer acabar primeiro com a facção. Leva bom caminho para isso.

Como Sagasta deu a sua demissão e dos mais ministros, foi substituido no dia 25, e jurou a 26. Topete, presidencia e guerra; Ulloa, estrangeiros; Groizard, justiça; Alhuayen, finanças; Candan, interior; Balaguer, ultramar; Antequera, marinha.

Topete declarou nas camaras que seguia a politica de Sagasta. Este saiu por concussão, calunnia, e roubo. Seguem pois, boa politica, e devem colher bom resultado.

Dizem que Topete fica como testa de ferro de Serrano, que quer acabar primeiro com a facção. Leva bom caminho para isso.

SECCÃO NOTICIOSA

**Comunhão geral.**—Os devotos que tem concorrido para se fazer o Mez de Maria na egreja parochial da freguezia de S. João Baptista de Nogueira, suburbios d'esta cidade, tencionam terminar a sua devoção, com uma comunhão geral no dia 2 de junho. Esta festa tem sido promovida e presidida pelo revl.º João Manoel de Souza, coadjutor da dita freguezia.

**Mez eucharistico.**—No mosteiro do Salvador d'esta cidade, se tem de celebrar o Mez Eucharistico, durante o proximo Junho, tendo principio no 1.º sabado, e n'esse mesmo dia haverá sermão ás 4 e meia horas da tarde.

**As velhas catholicas.**—Os gaiatos da Alemanha começaram a apupar pelas ruas os Doellingerianos, dando-lhes o apellido de velhos, que estes se haviam dado a si mesmos. Apesar de esforços supremos o doellingerianismo não tem podido ganhar quasi nenhuma mulher; a razão é porque as allemães, tanto moças como velhas, aborem infimamente aquelle apellido, que aliás os homens sisudos não desprezam. E' de admirar, que no Conciliabulo de Munich ninguém tivesse tido a feliz idéa de intitular-se *catholico novo*: se algum o tivesse feito, ter-se-hiam talvez alistado nas fileiras doellingerianas, mulheresinhas de todas as partes. Mas elles se occuparam de outros assumptos bem differentes. Doellinger, o *luzeiro da sabedoria allemã*, entendia conservar a toda a creença catholica, rechaçando o dogma da infallibilidade do Papa, e os decretos do Concilio Vaticano. Porém seus collegas, com melhor logica, não querendo acomodar-se á pretensão d'elle, socorreram-se ao racionalismo, para onde o grão luzeiro recusa acompanhá-los. Mas não tem razão; por quanto se a Igreja catholica se tivesse enganado, quando no Concilio Vaticano definiu a infallibilidade do Papa, definição a que já adheriram todos os bispos do catholicismo, falso se tornaria consequentemente o que diz o Apostolo quando define a Igreja de Deus, *columna e firmamento da verdade* (1 Tim. III, 15); e com todo o direito poder-se-hiam rejeitar todas as mais definições, como o fizeram os racionalistas.

**Fóra os Jesuitas.**—*Quem o diz?* O Conciliabulo dos catholicos velhos em Munich, denunciou os jesuitas á opinião publica, como estes perigosos ao Estado e ini-

migos da civilização. O Protestantismo reunido em Darmstadt instigado pelas seitas, declarou guerra de extermínio a esta ordem: a imprensa protestante judaica e liberal, acommette com sanhuda audacia os jesuitas. Multiplicam-se os requerimentos para que da liberdade de associação, se excluam os jesuitas. Em Roma os buzurri acham-se já roucos á força de bradar fóra os jesuitas. Em Guatemala assim os jesuitas como o arcebispo, já foram expulsos.

Em França os Communistas e os Gambettistas se tivessem occasião azada, de bom grado os passariam todos pelas armas. Eis o que a tal respeito escreve o *Univers* de 27 de novembro: «Todos os revolucionarios, do Estado e da Igreja, os livres pensadores e os livres praticantes, os protestantes, os velhos catholicos, os judeus, os jansenistas, os maçons, todos os inimigos da religião, os mais perversos e mais fanaticos bradam: fóra os jesuitas! Na verdade grande honra é para a Companhia de Jesus, ter taes inimigos.»

Pelo contrario todos os bispos allemães que tem jesuitas em suas dioceses, tecem os mais honrosos louvores ao instituto e a seus serviços: assim o tem feito o arcebispo de Colonia, o de Posen, o de Bamberg, e os bispos de Paderborn, de Breslau, de Munster, de Treviri, de Limbourg, d'Eichstedt. Os leigos por sua vez tem enviado ao governo numerosas mensagens a favor dos jesuitas; notando que na guerra franco-prussiana, se haviam assignalado 188 jesuitas allemães, dos quaes 4 mortos nos campos de batalha, a serviço dos moribundos, e 20 enfermos. Uma mensagem assignada por 257 fidalgos foi enviada de Mayença, e milhares cada dia se mandam das outras partes da Alemanha. As manifestações publicas tem sido tantas, que a «Gazette nationale», assustada, parece estar já vendo succumbir o imperio allemão sob os golpes do ultramontanismo. E a «Gazette de l'Allemagne du Nord» crê seriamente que os jesuitas pretos e os jesuitas vermelhos ameaçam a Alemanha. Mas o governo tendo maior temor dos pretos, prohibio aos estudantes frequentar as congregações da Santissima Virgem, sob pena de degredo. Pelo que, se deixa ver a toda a luz que o furibundo brado de fóra os jesuitas, agora como sempre, não equivale a outra cousa senão aos de fóra a religião catholica.

**Pio IX não aceita nada.**—No grande livro da divida publica do governo italiano lê-se:—*Rendimento perpetuo e inalienavel em nome da Santa Sé.* E logo depois:—*Rendimento de 5 por cento perpetuo e inalienavel em nome da Santa Sé* tiras 3,225,000. Seguem-se as pensões ordinarias etc.: de sorte que o summo pontífice é considerado como um pensionario do reino da Italia. Mas o Papa nunca acceptou, nem ha de acceptar dos novos senhores um só centil, conformando-se ao exemplo de Pio VII, que em circumstancias semelhantes nada quiz receber. Desde o dia em que Napoleão I consumou o total esbulho do soberano pontífice, Pio VII em 10 de junho de 1809 fazia a seguinte protesta:—*Finalmente cumpriram-se os designios tenebrosos dos inimigos da Sé Apostolica. Depois da invasão violenta e injusta da melhor parte dos nossos dominios, rémo-nos com pretextos indignos e com summa injustiça esbulhados inteiramente da nossa soberania temporal, a que liga-se intimamente a nossa independencia espirital. . . Nós rejeitamos com todas as forças do espirito qualquer ordenado, que o imperador dos francezes queira dar-nos a nós ou aos membros do sagrado collegio. Cobrir-nos-hiam de opprobrio se fizéssemos depender a nossa subsistencia da mão do usurpador dos bens da Igreja.*

Napoleão I esperava, que estas fossem puras palavras, e por isto em 17 de fevereiro de 1810, o senado imperial votava um senatus-consulto sobre os Estados romanos e o Papa. A lei dizia no artigo 1.º: *O Estado de Roma fica reunido ao imperio francez, formando parte integrante d'elle.* E no artigo 16.º:—*Dous milhoes de rendimentos em bens ruraes, isentos de todo o imposto, e situados em diferentes partes do imperio, serão marcados para o Papa.* E no artigo 17:—*As despesas do sagrado collegio e da propaganda serão declaradas imperiaes.* Mas Pio VII nunca quiz acceptar nada. Quando elle chegou a Savona o conde Salmatoris de Cherasco, mestre de ceremonias do imperador, offerecia ao santo padre 100,000 francos mensaes para seu uso, e Pio VII os recusou dizendo:—*Não precisamos de nada; e se nos faltar o pão, os nossos fieis nos hão de emprestar o necessario.* O conde de Salmatoris como mestre de ceremonias, foi succedido em Savona pelo general Cesar Berthier, que com manhas muito finas convidava frequentemente Pio VII, e os seus familiares a sumptuosos banquetes: porém nunca foram acceptos. Pio VII viveu sempre, como os cardeaes dispersos, com as ofertas voluntarias de almas generosas; e o excesso da tyrannia não poude impedir, que os presentes lhe chegassem ás mãos.

A correspondencia do principe Borgueze, que conserva-se nos archivos geraes do reino em Turim attesta, que *offertas respeitaveis de dinheiro chegavam ao Papa em Savona* (Sclopis, La domination fran-

caise en Italie, pag. 41). As senhoras de Paris haviam formado uma caixa para os confesores da fé, tirando d'ella esmolas para o Papa e os cardeaes: pelo que Pio VII na primeira allocução consistorial depois da sua volta triumphal a Roma, elogiava as *mais illustres matronas francezas, de quem recebemos tantas provas de veneração, de summa benevolencia, e de generosidade tão grande, que quasi esquecidos do nosso captivoiro frequentemente agradecemos ao Altissimo, porque nos fez testemunha de tantas virtudes.* O mesmo caminho que Pio VII trilhou por cinco annos, está trilhando Pio IX, e fiquem certos os seus verdugos, que elle nunca acceptará do governo usurpador um só real.

**Boas perguntas e melhores respostas.**—1.ª Pergunta.—*O que é a civilização moderna?*

Resposta.—E' a depravação da moral e a corrupção dos bons costumes, com trajo de honestidade: é o reinado da soberba, da cubiga e da devassidão. Quem visitar as cidades de Londres, Paris, Vienna, New-York, Milão e muitas outras, que se apregoam como centros de civilização, se convencerá da verdade d'esta resposta.

2.ª P.—*O que é o progresso d'este seculo das luzes?*

R.—E' o caminho do regresso para as trevas da ignorancia, para a barbaria e paganismo antigo, allumiado pelas fatuas luzes da vã sciencia: ao apparecer do progresso liberal entre os povos apagam-se as noções mais elementares de Deus, da religião, da alma, da vida futura; opprime-se o direito e a justiça, prevalece a força material e a superstição da idolatria.

3.ª P.—*O que é o famoso letreiro «Liberdade, Igualdade e Fraternidade?»*

R.—E' o labaro dos revolucionarios. Pois a *liberdade* é a licença para escravisar e tyrannisar os bons, como agora a Hespanha, a França e a Italia nol-o estão provando com muitos exemplos. A *Igualdade* é a impunidade do furto, do roubo e do assassinato; como o attestam as revoluções de 1793, de 1848, e da Communa de Paris. A *Fraternidade* é a alliança dos criminosos: a *Internacional* da Europa é o argumento mais luminoso do que avançamos.

4.ª P.—*O que é o suffragio universal no sentido moderno?*

R.—E' o direito de rebelião, a ruina da auctoridade, e o catabouço dos soberanos. A rainha Isabel da Hespanha, Napoleão III, Carlos príncipe da Romania e muitos outros são victimas e testemunhas d'esta conquista moderna.

5.ª P.—*O que é a liberdade dos cultos?*

R.—E' a faculdade legitima de adorar ao demonio: a Deus não póde agradar outro culto senão o que por elle foi estabelecido, na unica e verdadeira religião que é a da Igreja catholica. Os cultos das outras religões ou seitas são erroneos reprovados e introduzidos por herejes e malvados ministros do demonio: nem ha auctoridade alguma que os possa approvar e sustentar licitamente. Quem pois os prefere ao culto verdadeiro da Igreja catholica, prefere Belial a Christo, o Demonio a Deus.

6.ª P.—*O que é a liberdade da Imprensa?*

R.—E' a faculdade juridica para a disseminação dos erros, da incredulidade, das mentiras e calumnias, em prejuizo da verdade, da fé, da probidade e innocencia. Por outra, a liberdade da imprensa é a officina typographica de Satanaz allugada aos homens pelo preço da rebelião, da irreligião, e da immoralidade: basta lerdes os jornaes dos franc-maçoes para vos convencerdes d'isto.

7.ª P.—*O que é o ensino obrigatorio nas mãos dos governos leigos?*

R.—E' o monopolio da instrucção, contra a lei natural e o direito da Igreja catholica, para a perversão dos entendimentos, e para a corrupção dos corações humanos: instrucção sem religião, sciencia sem moralidade; eis o que pretendem os factores dos principios liberaes.

Ora, isto póde formar homens semelhantes aos demonios, que tem sciencia sem moralidade; mas não semelhantes a Deus, que tem sciencia e bondade.

CORRESPONDENCIAS

Caros Redactores

Desde que principiou o movimento carlista na visinha Hespanha, sempre se suppoz, que as noticias a tal respeito dadas pelos jornaes liberaes e officiosos eram mentirosas: o movimento carlista é patriotico e religioso, e entendo que está chegado o momento, em que Deus baixou olhos de misericordia, para tirar as nações do abysmo e degradação, a que o liberalismo as tem levado, e mostrar com terror da maçonaria e jubilo dos fieis o triumpho da Religião. Hoje, 21 do corrente, ás sete horas e meia da tarde, chega ás minhas mãos uma carta, escripta da Cidade Rodrigo por um moço da freguezia de Garfe do concelho da Povoia de Lanhoes a seus paes: appresso-me a remetter-vos seu contheudo, para que, dando-lhe publicidade em vosso jornal, sa-

bam todos que o carlismo triumpho: isto é, a briosa nação hispanhola e a religião triumpham de seus oppressores.

Eis a carta: «Isto está mau. Não podemos sahir fóra das muralhas da cidade que está n'uma agitação indescriptivel. As tropas do governo tem sido batidas pelos carlistas, pois só em um combate estes lhes fizeram 600 baixas.

Agora vou narrar-vos um facto no qual Deus mostrou evidentemente o seu poder: Um corpo de 800 homens de tropas do governo, perseguidos activamente por uma partida carlista, refugiou-se em uma egreja, onde deram ordem de saque. Roubaram todas as pratas e o que encontraram de melhor. Já se retiravam quando um soldado se lembra de levar tambem o vaso sagrado da Eucharistia. Immediatamente se dirige ao sacario, sem dar ouvidos ás sensatas reflexões que lhe fez um sargento. Mas um capitão que isto ouviu lhe diz: rouba, rouba o vaso e tudo o mais que encontres. Isto bastou para o miseravel effectuar o horrivel sacrilegio.

Não tardou muito que Deus mostrasse a sua Omnipotencia. Estavam os 800 soldados acampados pouco distante do lugar do crime, quando uma detonação se fez ouvir e os dous sacrilegos cahem mortalmente feridos por uma bala! E' impossivel contar-vos o espanto que se apoderou de todos os circumstantes; tudo ficou abysmado.

Eis o que a carta refere; foi escripta na Cidade Rodrigo, não tem data, mas vê-se pelo carimbo do correio que sahiu d'Hispanha no dia 11 do corrente. Ora bem, o movimento carlista não tem importancia, está vencido, os guerrilhas dispersos, D. Carlos fugiu etc. etc.; mas só n'um combate morrem 600 soldados do governo, 1:000 fogem... e as tropas do governo roubam as egrejas, nem a sagrada Pyxide escapa!... mas uma balla inexperada, sem se saber de donde, por certo castigo do ceo, entre 1:000 soldados escolhe os dous horrosos sacrilegos; e tudo fica abysmado!

21 de maio de 1872.

Vosso constante leitor

M. D. M.

EXPEDIENTE

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º snr. J. A. no escriptorio do jornal a *Nação*, na rua do Bem Formoso.

Em Cimbra, o exm.º snr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Na Covilhã, o illm.º snr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Vianna, o illm.º snr. Luiz Francisco Pereira, rua da Picota.

Em Lamego, o illm. snr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio ao administrador d'este jornal o snr. Joaquim José Vieira da Rocha, rua do Souto n.º 41.

ANNUNCIOS



COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO PACIFICO

Paquetes a sahir de Lisboa em direitura ao Rio de Janeiro.

ILO a 13 de Maio—ARAUCANIA a 19 de Maio—LUZITANIA a 4 de Junho. Para tratar na rua da Boa Vista n.º 1 em Braga. (71)

A Prophecia d'Orval, ultimamente tão celebrada e vertida em todas as linguas,

faz parte d'um pequeno volume de Prophecias que se acha á venda na *Livraria Catholica*, Braga, rua do Souto 39—Porto, Praça de D. Pedro 131—Lisboa, rua nova d'El-rei 75, por 200 rs. porte franco.

Quem quizer possuir com este volume de Prophecias a Historia do Anti-Christo tem que mandar mais 50 reis.

Nas mesmas livrarias se encontra á venda o *Mez do Sagrado Coração de Jesus* por 200 reis.

Photographias de Pio IX com a sua biographia, vindas directamente de Roma, 100 rs., pequeninas photographias a 40 reis (64)

AGUAS ALCALINO-GAZOSAS

DAS

PEDRAS SALGADAS

(Villa Pouca d'Aguiar)

Estas aguas que os homens entendidos tem considerado como das principaes, não só do paiz como da Europa, juizo, que a composição chimica fazia prevêr, e que os seus effeitos therapeuticos em diferentes molestias, mas com especialidade nas de estomago, pelle, bexiga, inflamações chronicas d'olhos e ulceras chronicas, acham-se á venda em garrafas azues de 300 grammas sem o nome da empreza e das aguas em relevo, sem rotulos indicativos da sua proveniencia, modo d'administração, etc.; lacradas ou com capsulas, no melhor estado de pureza e conservação nos depositos da empreza:

Braga Pharmacia—Albim  
» » Lima, Sr.ª A Branca.  
Guimarães » Martins.

E em todas as terras principaes do reino. (62)

Procurações

Vendem-se na Livraria Catholica

O MARTYR DO GOLGOTHA

TRADIÇÕES DO ORIENTE

por

Henrique Peres Escrich

TRADUZIDA

por

Antonio Moreira Bello.

Preço . . . . . 4\$200

Esta obra é a mais bella e esplendida da litteratura christã até hoje publicada, e elogiada por toda a imprensa do paiz.

Vende-se em todas as livrarias.

A *Livraria Catholica* Portuense, editora d'esta obra, praça de D. Pedro n.º 131 Porto, incumbe-se de satisfazer com promptidão qualquer pedido que lhe façam os senhores livreiros das provincias.

A EUROPA EM 1848,

ou

CONSIDERAÇÕES

—SOBRE A

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O COMMUNISMO

E

O CHRISTIANISMO

PELO

P. GAUME

Vigario Geral da Diocese de Nevers, Cavalleiro da Ordem de S. Silvestre, etc, etc.

TRADUÇÃO

DE

M. de C.

Com — duas palavras de prologo — pelo P. M. J. Pereira.

Acha-se á venda, esta obra, em casa do Editor, Largo de S. Francisco n.º 6, na *Livraria Catholica*, na de Germano Joaquim Barreto, Rua do Souto, e na de E. Chardron, Largo de S. Francisco, Braga. Preço . . . . . 200 rs.

Congresso Catholico na cidade do Porto

Discursos ali pronunciados pelos snrs:

Padre Cruz. . . . . 60 reis  
Mesquita Pimentel. . . . . 60 »  
Visconde d'Azvedo. . . . . 100 »  
Prior de Salreu. . . . . 100 »  
Tcdos juntos por. . . . . 250 »

Vendem-se em Braga na Livraria Catholica, rua do Souto n.º 39.

Discurso pronunciado na 3.ª sessão publica e solemne da assembléa dos escriptores e oradores catholicos portuquezes, por Manuel Marinho Falcão de Souza e Barros.

A' venda na pharmacia do sr. José Maria Gomes Ferreira, Arcos, para onde se devem dirigir os pedidos. Preço 80 rs. o exemplar.

OBRA MORAL E RELIGIOSA

Philosophia da internacional, por A. Delaporte, versão portugueza por M. J. de Mesquita Pimentel.

Preço por assignatura 200 rs.

Vende-se na Livraria Catholica n'esta cidade e no Porto na Livraria do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua d'Almada.

VOZES PROPHETICAS ou aparições e predições, tiradas principalmente dos Annaes da Egreja, a respeito dos grandes acontecimentos do seculo XIX e do proximo fim dos tempos; pelo padre M. Ourique.

Vertidas da lingua franceza por M. F. M. e Souza.

Vendem-se por 250 na Livraria Catholica e na livraria de E. Chardron.

ALFREDO CAMPOS — A felicidade pela familia. — Conferencia familiar, recitada na Sociedade democratica recreativa de Braga.

Vende-se por 100 rs. na Livraria Catholica, é na de E. Chardron

Vida do Nosso SS. Padre Pio IX

POR

M. VENET.

—

VERSÃO POR

M. F. M. e Souza.

Vende-se por 60 reis, na Livraria Catholica, rua do Souto, e na livraria de E. Chardron.

O MEZ EUCHARISTICO

OU

Mez de Junho

Vende-se na Livraria Catholica d'esta cidade.

Neste novo estabelecimento encontra-se um variado sortimento de livros de missa de diferentes encadernações, livros de devoções e obras scientificas de muitos escriptores catholicos. Além disso tem á venda um variado sortimento de estampas e lerços de bonitos gostos, medalhas e muitos outros objectos religiosos. No mesmo estabelecimento recebem-se commissões de livros que não desligam do caracter da Livraria. Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Catholica, na rua do Souto em Braga.

LIVRARIA CATHOLICA

TELETYPE

MOIDO E EM PEDRA.

Vende-se no estabelecimento de Manoel Ignacio da Silva Braga na Praça d'Alegria antigo Campo das Hortas n.º 11.

Garante-se a boa qualidade.

EDITOR

M. J. V. da Rocha.